



# Universidade Politécnica A Politécnica

Licencianda: Mirza Pricila Dique Bié

Universidade Politécnica – A politécnica

Curso de Licenciatura em Ciências Jurídicas

**Título do tema do trabalho do final do curso em Ciências Jurídicas:**

***Abuso Sexual das Raparigas nas Escolas Moçambicanas***

MAPUTO, 2010



# **Universidade Politécnica A Politécnica**

Licencianda: Mirza Pricila Dique Bié

Universidade Politécnica – A politécnica

Curso de Licenciatura em Ciências Jurídicas

2003 - 2007

---

**Abuso Sexual das Raparigas nas Escolas Moçambicanas**

**Elaborado por: Mirza Pricila Dique Bié**

**Maputo, 2010**

---

**PARECER DO TUTOR**

O trabalho que a Licencianda Mirza Pricila Dique Bié, versa sobre o tema: “ **Abuso Sexual das raparigas nas Escolas Moçambicanas**”.

A problemática relativa a este tema é pertinente e actualíssima sobretudo tendo em consideração as tensões que hoje se vivem algumas escolas do País relacionado com o abuso sexual que as raparigas têm vindo a sofrer por parte de alguns professores.

O tema implicou esforços que foram revelados através das pesquisas de campo apuradas e dos inquéritos que aparecem nos anexos.

A estudante demonstrou perseverança e acima de tudo vontade de tratar este tema delicado com o desejo de levar a reflexão as causas e, apresenta no fim sugestões que no meu modesto entender são pertinentes.

Faço assim uma apreciação positiva do trabalho e julgo que reúne os requisitos necessários para ser submetido a apreciação do ilustre júri para obtenção do grau académico de Licenciada em Ciências Jurídicas.

Maputo, aos.....de.....de 2010

O Tutor

.....

---

**Elaborado por: Mirza Pricila Dique Bié**

**Maputo, 2010**

---

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho aos meus saudosos pais **Cécilia Alda Chadreque** e **Jorge Dique Bié**, ao meu esposo **João Carlos Mendonça**.

Dedico ainda, aos meus irmaos Margarida Joice Bié; Zulmira Celia Bié; Tarsília das Dores Bié; Amelia Bié; Mercia Daisy Bié; Maura Bié; Jorge Dique Bie Junior; Angela Vanessa Bié e amigos que de muitas formas me incentivaram e ajudaram para que fosse possível a concretização do mesmo.

Finalmente ao meu saudoso sobrinho, Ulabummí Dzuwa Frank.

---

**Elaborado por: Mirza Pricila Dique Bié**

**Maputo, 2010**

---

## **AGRADECIMENTOS**

Os meus agradecimentos vão para todos que directa ou indirectamente apoiaram me na elaboração deste trabalho.

Em primeiro lugar, a Deus, que no alto da sua magnitude soube me guiar e me dar discernimento para cumprir meus objectivos da melhor maneira possível.

Aos meus pais, que souberam me dar incentivo, apoio e segurança para que pudesse seguir em frente. Em especial a minha mãe pelo seu espírito de abnegação e sacrifício e pelo encorajamento que sempre me transmitiu, sem o qual eu não teria conseguido chegar ao fim do curso.

Ao meu marido Dr. João Carlos Mendonça, pela dedicação e ajuda em todos momentos da elaboração deste trabalho.

Aos meus colegas da Faculdade ( Universidade Politécnica de Maputo), Dimario Raimundo Uahala; Judite Miranda; Rosana Momad Bay e Eduarda Duarte. Aos docentes Dr<sup>a</sup>.Neusa de Matos; Dr.Duarte e ao Mestre Alfredo Dias, pela sua valiosa orientação e supervisão durante a realização deste trabalho.

**A todos vocês, o meu eterno  
MUITO OBRIGADO!**

---

**Elaborado por: Mirza Pricila Dique Bié**

**Maputo, 2010**

---

**LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

**UNDP** – Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas

**AMA** – Associação Médica Americana

**EP1** – Escola Primária do Segundo Grau

**EP2** – Escola Primária do segundo Grau

**ES1** – Escola Secundaria do Primeiro Grau

**ES2** – Escola Secundaria do Segundo Grau

**MINED** – Ministério de Educação

**ONP** – Organização Nacional dos Professores ;

**ESEV** – Escola Secundaria Estrela vermelha

**ESJM** – Escola Secundaria Josina Machel

**MPV** – Maria Paula Vera Cruz

**MEC** – Ministério da Educação e Cultura

**UNESCO** - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

**UNICEF** – Fundo das Nações Unidas para Infância

**ISPCAN** – Sociedade Internacional para a prevenção do abuso da criança negligência

---

**Elaborado por: Mirza Pricila Dique Bié**

**Maputo, 2010**

---

ÍNDICE

<b>CAPÍTULO - I</b> .....	<b>9</b>
<i>Introdução</i> .....	9
<b>1.1. CONTEXTUALIZAÇÃO</b> .....	<b>9</b>
1.2. <i>Tema</i> : .....	10
• <i>Abuso sexual das raparigas nas escolas</i> .....	10
1.2.1. <i>Delimitação do tema</i> .....	10
1.3.1. <i>Justificativa da escolha</i> .....	12
1.3.1. <i>Objectivos do trabalho</i> .....	16
<b>CAPITULO — II</b> .....	<b>17</b>
2. <i>Definição dos termos</i> .....	17
2.16. <i>Abuso sexual de menores</i> .....	20
<b>CAPITULO – III</b> .....	<b>22</b>
3.1. <i>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</i> .....	22
<b>CAPÍTULO – IV</b> .....	<b>29</b>
2.1. <i>Fundamentação teórica</i> .....	29
<b>CAPITULO – V</b> .....	<b>35</b>
5.1. <i>AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO SEXUAL DOS JOVENS</i> .....	35
5. 2. <i>Tipos e formas do abuso sexual</i> .....	36
<b>CAPITULO – VI</b> .....	<b>38</b>
6. 1. <i>Caracterização do perfil das vítimas de abuso sexual</i> .....	38
6.2. <i>Formas, contornos em que se manifesta o Abuso sexual</i> .....	38
<b>6.3. DESCRIÇÃO DE ALGUNS CASOS NÃO DEONTOLÓGICOS NO DOCENTE ESCOLAR COMO ABUSADOR (COM OS RESPECTIVOS EXEMPLOS)</b> .....	<b>39</b>
<b>AS CARACTERÍSTICAS E O PERFIL SOCIAL DO ABUSADOR NA PERSPECTIVA DOS DIFERENTES ACTORES SOCIAIS</b> .....	<b>42</b>
<b>CAPITULO - VII</b> .....	<b>44</b>
7.1. <i>A NECESSIDADE DE ORIENTAÇÃO DE EDUCAÇÃO SEXUAL DOS JOVENS</i> .....	44
7.3. <i>Importância da escola no processo de produção de socialização e educação</i> .....	45
7.5. <i>As principais características de uma Instituição Escolar</i> .....	49

Elaborado por: Mirza Pricila Dique Bié

Maputo, 2010

---

<b>CAPÍTULO – VII</b> .....	<b>51</b>
4.1. <i>Conclusões</i> .....	51
4.2. <i>Recomendações</i> .....	53
<i>Proposta de sanções (para os actores) em torno do abuso sexual das raparigas nas</i> .....	54
<b>CAPÍTULO — IX</b> .....	<b>55</b>
4.3. <i>Referências bibliográficas</i> .....	55
<b>4.8. ANEXOS</b> .....	<b>58</b>

---

**Abuso Sexual das Raparigas nas Escolas Moçambicanas**

**CAPÍTULO - I**

**Introdução**

**1.1. Contextualização**

O presente trabalho de `Tese` versa sobre o tema “*Abuso Sexual das Raparigas nas Escolas Moçambicanas*”.

A declaração de Jomtien<sup>1</sup> (declaração mundial sobre educação para todos), que foi subscrita por Moçambique, aponta a educação para todos como um dos objectivos básicos até 2015. Para a realização destes objectivos vários factores concorrem e um deles é a criação de equidade no acesso à educação. Embora o governo Moçambicano esteja a desenvolver políticas visando o aumento da participação da rapariga na escola, a equidade está muito aquém do desejável. O relatório do Desenvolvimento Humano da UNDP<sup>2</sup> - Programa de desenvolvimento de Unidade Nacional de 2001 demonstra esta situação. Revela, por exemplo, que da população total matriculada naquele ano, apenas 8,7% das raparigas é que completara os dois níveis do ensino básico (EP1 e EP2), comparativamente aos 17% dos rapazes.

Também, se se comparar a percentagem de ingressos da população feminina nos diferentes níveis de escolarização (EP1, EP2, ES1, ES2) certamente que se constatará que ao nível do EP1 a percentagem ronda acima de 80%, reduzindo drasticamente nos restantes níveis, no EP2 variando entre os 5 e 15%, ES1 a 5%<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> TAILÂNDIA - 5 a 9 de Março de 1990, “Declaração mundial sobre educação para todos”.

<sup>2</sup> O relatório do Desenvolvimento Humano da UNDP, 2001, pag.2 -18

<sup>3</sup> (dados recolhidos do Departamento de Planificação do MINED, 2003)

---

---

Os abusos sexuais são classificados em dois tipos: abuso sexual do tipo intra familiar e o abuso do tipo extra-familiar. O tipo de intra familiar, também considerado incesto, é o tipo de abuso mais comum. Existe em todas as sociedades e é praticado por todos os extractos sociais e raças sem nenhuma distinção. Este tipo de abuso é definido, na literatura<sup>4</sup>, como qualquer forma de actividade sexual envolvendo crianças e um membro da família (pai, mãe, irmão, irmã, tios, avós, padrastos e outros parentes substitutos).

O tipo de abuso extra familiar é definido como qualquer forma de actividade sexual entre uma criança e uma pessoa adulta que não faz parte da família<sup>5</sup>. Geralmente, na maioria dos casos, o adulto, pedófilo, é um conhecido da criança, como, por exemplo, vizinho, amigo da família, algumas vezes chega a ser até um desconhecido.

De realçar que o abuso sexual que ocorre dentro da família acarreta danos mais elevados para a vítima, pois não permite a formação de uma estrutura para o ajustamento psicossocial do indivíduo.

## 1.2. Tema:

- *Abuso sexual das raparigas nas escolas*

### 1.2.1. Delimitação do tema:

- *Abuso Sexual das Raparigas nas Escolas Moçambicanas.*

“O crescimento contínuo do índice de abuso sexual das raparigas nas Escolas Moçambicanas, constitui um problema no qual alguns estudos (pesquisas) efectuados por alguns organismos do terceiro sector (Save Children)<sup>6</sup>, onde demonstram que o abuso sexual nas escolas está a ganhar

---

<sup>4</sup> UNICEF, Relatório Oficial, Abuso sexual na educação e os factores negativos no processo de socialização / 1986, p.23-46.

<sup>5</sup> BAGNOL, BRIGITTE, (1997). “Diagnóstico do Abuso Sexual e Exploração Comercial Sexual de Crianças em Maputo e Nampula

<sup>6</sup> BAGNOL, BRIGITTE, (1997). “Diagnóstico do Abuso Sexual e Exploração Comercial Sexual de Crianças em Maputo e Nampula

---

---

moda no seio das escolas” e a licencianda focaliza algumas escolas como a *Escola Josina Machel e Escola Secundária Estrela Vermelha de Maputo*, .

Todavia, “os factores sócio-culturais têm sido tradicionalmente apontados como maiores causadores da desigualdade no acesso à educação formal, traduzidos no facto das famílias priorizarem a educação dos rapazes em detrimento das raparigas e, também, na ocorrência de casamentos prematuros ou gravidezes indesejadas, estando estes últimos, na maior parte das vezes, aliados ao abuso sexual”<sup>7</sup>.

Neste contexto, maior número de raparigas, menores de 18 anos, abandona a escola para iniciar uma vida adulta, seja de uma forma forçada ou não. De certo modo, parece que muitas famílias deste país ainda não estão bem consciencializadas relativamente à importância da educação formal da rapariga, reservando-lhe o papel de esposa e mãe. Infelizmente, ainda são em número reduzido as famílias que incentivam as raparigas a estudar e, nos casos em que isso acontece, ela acaba por encontrar barreiras na própria escola.

Verifica-se que, o crescimento contínuo do índice de abuso sexual da rapariga na escola não só resulta de factores sócio-culturais, como também do facto da escola não fornecer segurança para a progressão da rapariga.

Segundo, **Bagnol** (1997)<sup>8</sup> refere que o **assédio sexual** e a **violência sexual** começam a surgir como barreiras para o acesso e permanência da rapariga na escola.

Mas, o abuso sexual de menores é um fenómeno antigo mas mantido em silêncio, sendo considerado tabu, assunto intocável e que não se podia revelar. Deste modo, a criança tornava-se “involuntariamente” cúmplice, sendo obrigada a sofrer calada, terríveis consequências físicas e psicológicas do abuso. Não podia contar com o apoio, fosse dos seus parentes ou outras entidades.

---

<sup>7</sup> BAGNOL, BRIGITTE, (1997). “Diagnóstico do Abuso Sexual e Exploração Comercial Sexual de Crianças em Maputo e Nampula

<sup>8</sup> BAGNOL, BRIGITTE, (1997). “Diagnóstico do Abuso Sexual e Exploração Comercial Sexual de Crianças em Maputo e Nampula. Embaixada do Reino dos Países Baixos, Maputo,

Moçambique, p.8 -13.

---

---

A maioria das raparigas, tem se envolvido com os seus professores e os mais velhos numa faixa etária de 29 aos 49 anos devido a falta de valores monetários. Por vezes, sente-se obrigada a praticar actos sexuais com os mesmos para poder sustentar os estudos e para a compra de vestuário.

Nos outros casos, por não ter um bom aproveitamento lectivo sentem-se obrigadas a satisfazer os anseios ou desejos dos seus professores, isto porque eles aliciam como forma de ameaça de modo a obter os seus desejos.

### **1.3.1. Justificativa da escolha**

Cativou a Licencianda, o facto de se verificar a problemática do abuso sexual em algumas das raparigas em algumas escolas da Cidade de Maputo, a envolverem-se com os mais velhos e até com os próprios professores. Este facto, constitui um dos grandes pontos negativos para a construção da identidade das raparigas no âmbito da educação escolar.

Um outro factor em torno da relevância centra-se nos princípios fundadores dos quatro pilares da Educação baseado no Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, coordenada por Jacques Delors.

No relatório editado sob a forma do livro: "Educação:Um Tesouro a Descobrir"<sup>9</sup>, onde se propõe uma educação direccionada para os quatro tipos fundamentais de aprendizagem ( a discussão dos "quatro pilares da educação ) : aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver com os outros, aprender a ser, eleitos como os quatro pilares fundamentais da educação. Os mesmos podem ser fonte fundamental para a inculcar valores, padrões e normas no âmbito do desenvolvimento dos jovens particularmente na vida das raparigas em torno do abuso sexual.

Deste modo, os quatro pilares acima referidos podem ser descritos da seguinte forma, como instrumentos que devem ser enquadrados no âmbito da Deontologia escolar:

---

<sup>9</sup> DELORS, Jacques, *“Educação: Um tesouro a Descobrir”*, 1.ed., p. 89-102, 1999

a) *Aprender a Conhecer*<sup>10</sup> – Este tipo de aprendizagem que visa nem tanto a aquisição de um espaço (escolar, familiar, cultura ou sociedade) de saberes codificados, mas antes o domínio dos próprios instrumentos do conhecimento pode ser considerado, simultaneamente, como um meio e uma finalidade da vida humana. Meio, porque se pretende que cada um aprenda a compreender o mundo que o rodeia, pelo menos na medida em que isso lhe é necessário para viver dignamente, para desenvolver as suas capacidades profissionais, para comunicar. Finalidade, porque seu fundamento é o prazer de compreender, de conhecer, de descobrir. Apesar dos estudos sem utilidade imediata estarem desaparecendo, tal a importância dada actualmente aos saberes utilitários, a tendência para prolongar a escolaridade e o tempo livre deveria levar os adultos a apreciar cada vez mais, as alegrias do conhecimento e da pesquisa individual. O aumento dos saberes, que permite compreender melhor o ambiente sob os seus diversos aspectos, favorece o despertar da curiosidade intelectual, estimula o sentido crítico e permite compreender o real, mediante a aquisição de autonomia na capacidade de discernir. Deste ponto de vista, há que repeti-lo, é essencial que cada criança, jovens, raparigas, esteja onde estiver, possa ter acesso, de forma adequada, às metodologias científicas de modo a tornar-se para toda a vida "amiga da ciência". Em nível do ensino secundário e superior, a formação inicial deve fornecer a todos os alunos instrumentos, conceitos e referências resultantes dos avanços das ciências e dos paradigmas do nosso tempo.

Pretende-se despertar em cada aluno a sede de conhecimento, a capacidade de aprender cada vez melhor, ajudando-os a desenvolver as armas e dispositivos intelectuais e cognitivos que lhes permitam construir as suas próprias opiniões e o seu próprio pensamento crítico.

Em vista a este objectivo, sugere-se o incentivo, não apenas do pensamento dedutivo, como também do intuitivo, porque, se é importante ensinar o “espírito” e método científicos ao estudante, não é menos importante ensiná-lo a lidar com a sua intuição, de modo a que possa

---

<sup>10</sup> DELORS, Jacques, *‘Educação: Um tesouro a Descobrir’*, 1.ed., p. 89-102, 1999

---

chegar às suas próprias conclusões e aventurar-se sozinho pelos domínios do saber e do desconhecido, promovendo-se as práticas sociais e culturais que permitiram o seu desenvolvimento no âmbito da educação.

b) ***Aprender a fazer***<sup>11</sup> - Indissociável do aprender a conhecer, que lhe confere as bases teóricas, o aprender a fazer refere-se essencialmente à formação técnico-profissional do educando. Consiste essencialmente em aplicar, na prática, os seus conhecimentos teóricos. Actualmente existe outro ponto essencial a focar nesta aprendizagem, referente à comunicação. É essencial que cada indivíduo saiba comunicar. Não apenas reter e transmitir informação mas também interpretar e seleccionar as torrentes de informação, muitas vezes contraditórias, com que somos bombardeados diariamente, analisar diferentes perspectivas, e refazer as suas próprias opiniões mediante novos factos e informações. Aprender a fazer envolve uma série de técnicas a serem trabalhadas. • Aprender a conhecer, combinando uma cultura geral, suficientemente vasta, com a possibilidade de trabalhar em profundidade um pequeno número de matérias. O que também significa: aprender a aprender, para beneficiar-se das oportunidades oferecidas pela educação ao longo de toda a vida. Isto, segundo a autora pode permitir que as raparigas possam ser independentes, partindo da aprendizagem/ensinamentos educativos por parte da escola. Onde, as raparigas possam adquirir valores que permitam a não ser influenciadas sexualmente por objectos materiais, valores monetários e a atribuição de nota por parte dos professores. Este aprender a fazer, pode ainda fazer referência fundamental na vida das raparigas, porque elas puderam adquirir conteúdos que permitam fazer coisas para obtenção dos desejos pessoais.

c) ***aprender a viver com os outros***<sup>12</sup> - esta aprendizagem representa, hoje em dia, um dos maiores desafios da educação. O mundo actual é, muitas vezes, um mundo de violência que se opõe à esperança posta por alguns no progresso da humanidade. A história humana sempre foi

---

<sup>11</sup> DELORS, Jacques, *‘Educação: Um tesouro a Descobrir’*, 1.ed., p. 89-102, 1999;

<sup>12</sup> DELORS, Jacques, *‘Educação: Um tesouro a Descobrir’*, 1.ed., p. 89-102, 1999

---

---

conflituosa, mas há elementos novos que acentuam o problema e, especialmente, o extraordinário potencial de autodestruição criado pela humanidade no decorrer do século XX. A opinião pública, através dos meios de comunicação social, torna-se observadora impotente e até refém dos que criam ou mantêm conflitos. Até agora, a educação não pôde fazer grande coisa para modificar esta situação real. Poderemos conceber uma educação capaz de evitar os conflitos, ou de os resolver de maneira pacífica, desenvolvendo o conhecimento dos outros, das suas culturas, da sua espiritualidade. É de louvar a ideia de ensinar a não-violência na escola, mesmo que apenas constitua um instrumento, entre outros, para lutar contra os preconceitos geradores de conflitos. A tarefa é árdua porque, muito naturalmente, os seres humanos têm tendência a supervalorizar as suas qualidades e as do grupo que a pertencem, e a alimentar preconceitos desfavoráveis em relação aos outros. Por outro lado, o clima geral de concorrência que caracteriza, actualmente, a actividade económica no interior de cada país, e sobretudo em nível internacional, têm a tendência de dar prioridade ao espírito de competição e ao sucesso individual. De facto, esta competição resulta, actualmente em uma guerra económica implacável e numa tensão entre os mais favorecidos e os pobres, que divide as nações do mundo e exacerba as rivalidades históricas. É de lamentar que a educação contribua, por vezes, para alimentar este clima, devido a uma má interpretação da ideia de emulação.

d) **Aprender a ser**<sup>13</sup> - Este tipo de aprendizagem depende directamente dos outros três.

Considera-se que a Educação deve ter como finalidade o desenvolvimento total do indivíduo “espírito e corpo, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade”.

À semelhança do aprender a viver com os outros, fala-se aqui da educação de valores e atitudes, mas já não direccionados para a vida em sociedade em particular, mas concretamente para o desenvolvimento individual.

Pode-se formar indivíduos (raparigas) autónomos, intelectualmente activos e independentes, capazes de estabelecer relações interpessoais, de comunicarem e

---

<sup>13</sup> DELORS, Jacques, *‘Educação: Um tesouro a Descobrir’*, 1.ed., p. 89-102, 1999

---

evolúem permanentemente, de intervirem de forma consciente e proactiva na sociedade como forma de construir valores que possam ser úteis para a orientação dos jovens em torno da educação sexual e como forma inibir a prática do abuso sexual, tanto para os professores como para as raparigas.

Todavia, com esta tese pretende-se, que os professores e os encarregados de educação estejam consciencializados em torno do abuso sexual das raparigas nas escolas.

Por outro lado, a vontade de aprofundar o conhecimento sobre os factores que estão na origem do abuso sexual das raparigas nas escolas, traduziram-se por uma maior consciencialização acerca dos problemas e carências que algumas raparigas atravessam e sofrem ameaças ou são aliciadas com um objecto material ou por uma determinada acção/objectivo, acreditando que esta conjuntura pode ser alterada, através de um processo de planeamento contínuo e concertado, onde cada agente terá um papel a desempenhar e a escola maior atenção e apelo para o combate e redução dos índices do abuso sexual centrado nos quatro pilares da educação acima referidos, segundo Jacques Delors<sup>14</sup>.

### **1.3.1.Objectivos do trabalho**

#### **1.4.1. Objectivo geral**

Fundamentar e descrever as causas que contribuem e influenciam para a prática do abuso sexual das raparigas nas escolas Moçambicanas.

#### **1.4.2. Objectivos específicos**

Explicar os princípios de orientação sexual das raparigas na escola.

Fundamentar as práticas utilizadas pelos praticantes do abuso sexual nas raparigas.

Propor uma orientação em torno do abuso sexual das raparigas.

Apresentar medidas deontológicas para colmatar o abuso sexual nas escolas.

---

<sup>14</sup> Livro: *“Educação: Um tesouro a Descobrir”*, 1.ed., p. 89-102, 1999

---

## CAPITULO — II

### 2. Definição dos termos

O vocábulo “deontologia”, ainda hoje, é considerado um neologismo. Introduzido por <sup>15</sup>Jeremy Benthan, filósofo e economista inglês que o adoptou no título de uma de suas obras, “Deontology or the Science of Morality”, publicada em 1834.

O termo **Deontologia** é composto de duas palavras gregas: “**Deon** ou **Dento**”, que significa o que é **conveniente, obrigatório**, o que deve ser feito. O “**Dever**”, é: “**Logia** ou **Logus**”, o conhecimento metódico, sistemático e fundado com argumento e provas. Ou é a parte da Filosofia que trata sobre os deveres da profissão e ciência da moral, (P.8-10) <sup>16</sup>.

**2.1.** A “**sexualidade humana** é uma combinação de vários elementos fundamentais para sua compreensão”, **Cláudio Picazzio**<sup>17</sup> destaca três elementos principais, são eles:

**2.2. Sexo biológico** que corresponde a características genotípicas e fenotípicas, ou seja, pelos genes nascemos homens ou mulheres.

**2.3. Orientação Sexual ou orientação do desejo sexual**, que corresponde a quem nos atrai eroticamente, afectiva e sexualmente, **não é opção**, ela é espontânea e imutável.

---

<sup>15</sup> Jeremy Benthan, filósofo e economista inglês, *Deontology or the Science of Morality*, publicada em 1834.

<sup>16</sup> **ALVES**, Nídia Meneses. “*Formação para o Desenvolvimento*” *cadernos de noroeste*, volume 61 – 2:231 – 236, 1993.

<sup>17</sup> **PICAZZIO**, Claudio. Psicólogo – Consultor do Ministério da Saúde- Brasil, 1999.

---

---

**2.4. Identidade de gênero** corresponde a quem a pessoa acredita ser, assim não basta a referência biológica para nos sentirmos homem ou mulher. A forma como somos tratados é importante na construção de nossa identidade.

Nossa sexualidade vai muito além do sexo biológico e reprodutivo, sendo influenciada e moldada de acordo com factores socioculturais, como gênero, por exemplo.

### 2.5. Género

Elemento constitutivo de relações sociais, baseado nas diferenças percebidas entre masculino e feminino, assim: “...A identidade social é, portanto, socialmente construída...” “É próprio da espécie humana elaborar socialmente fenómenos naturais. Por esta razão, é tão difícil, se não impossível, separar a natureza daquilo em que ela foi transformada pelos processos socioculturais<sup>18</sup>.

- Termo usado para se referir ao modo como as *diferenças anatómicas entre os sexos são apropriadas por diferentes culturas*;
- Não diz respeito apenas aos corpos humanos e suas respectivas genitálias, sendo as *actividades e comportamentos também classificados como masculinos e femininos*.

**2.6. “Violência** é a categoria explicativa da vitimização sexual; refere-se ao processo, ou seja, à natureza da relação (de poder) estabelecida quando do abuso sexual”<sup>19</sup>. (p.16)

**2.7. “Abuso sexual** é a situação de uso excessivo, de ultrapassagem de limites: dos direitos humanos, legais, de poder, de papéis, de regras sociais e familiares e de tabus, do nível de desenvolvimento da vítima, do que esta sabe, compreende, pode consentir e fazer”<sup>20</sup>. (p.12)

---

<sup>18</sup> SOARES, Graca. Educação sexual na escola. Revista da UDESC. Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina. V20 n.1;p61-9;abr.93

<sup>19</sup> SOARES, Graça. *Educação sexual na escola*. Revista da UDESC. Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina. V 20 n.1; p 61-9; abr./93.

---

**2.8. “Mau Tratos** é a descrição empírica do abuso sexual; refere-se a danos, ao que é feito/praticado/infringido e sofrido pelo vitimizado, ou seja, refere-se aos actos e consequências do abuso”<sup>21</sup>. (p.34)

**2.9. “O abuso sexual** constitui-se em qualquer forma de exposição da criança ou do adolescente a estímulos sexuais que não sejam compatíveis com a sua idade e a sua fase de desenvolvimento psicossocial. São actos reconhecidos como libidinosos, ou seja, que dizem respeito ao desejo ou ao prazer sexual, e que, portanto, podem ser reconhecidos na ocorrências, por exemplo, manipulação dos órgãos sexuais, mordidas eróticas ou felação”. Franklin Farinati (1990)<sup>22</sup>.(19-23)

**2.10. ”Abuso** é um termo usado para definir uma forma de maus tratos de crianças e adolescentes, com violência física e psicológica associada, geralmente repetitivo e intencional e, por isso, praticado, mais frequentemente, por familiares ou responsáveis pelo(a) jovem”. Christoffell e cols., 1992; Council on Ethical and Juridical Affairs – AMA, 1992<sup>23</sup>. (p.23-69)

**2.11. “O abuso sexual** se define como a participação de uma criança ou de um adolescente menor em atividades sexuais, as quais não é capaz de compreender, que são inapropriadas à sua idade e o seu desenvolvimento psicossocial, que sofrem por sedução ou força, e que transgridem

---

<sup>20</sup> **RIBEIRO**, Cláudia. *A fala da criança sobre sexualidade*: o dito, o explícito e o oculto. Lavras, MG:Universidade Federal de Lavras; Campinas: Mercado das Letras, (Coleção Dimensões da Sexualidade). 1996

<sup>21</sup> **RIBEIRO**, Cláudia. *A fala da criança sobre sexualidade*: o dito, o explícito e o oculto. Lavras, MG:Universidade Federal de Lavras; Campinas: Mercado das Letras, (Coleção Dimensões da Sexualidade). 1996

<sup>22</sup> Citado por: . **KUPSTAS**, Marcia. *Comportamento sexual em debate*. São Paulo: Moderna, (Coleção Polêmica. Série Debate na Escola). 1997

<sup>23</sup> Citado por: . **KUPSTAS**, Marcia. *Comportamento sexual em debate*. São Paulo: Moderna, (Coleção Polêmica. Série Debate na Escola). 1997

---

---

os tabus sociais’’. H. Kempe (fundador da ISPCAN – International Society for Prevention of Child Abuse and Neglect)<sup>24</sup>.(p.45)

**2.13.** “O **abuso sexual** de crianças seria qualquer contacto sexual entre uma criança e um adulto maior, cujo propósito tenha sido a gratificação sexual do atacante’’. Relatório Oficial da UNICEF/ 1986<sup>25</sup>. (p.130)

**2.14.** “A **exploração sexual**, quando na relação se tira proveito indevido do trabalho sexual do outro”<sup>26</sup>.

**2.15.** “**Exploração sexual de crianças e adolescentes**: todo tipo de actividade em que uma pessoa usa o corpos de uma criança ou adolescente para ter proveito de carácter sexual com base numa relação de poder”<sup>27</sup>.

### **2.16. Abuso sexual de menores**

Segundo AZEVEDO e GUERRA (2000)<sup>28</sup>, o **abuso sexual de menores** corresponde a qualquer acto sexual abusivo praticado contra uma criança ou adolescente. É uma forma de abuso infantil. Embora geralmente o abusador seja uma pessoa adulta, pode acontecer também de um adolescente abusar sexualmente de uma criança.

Num sentido restrito, o termo "**abuso sexual**"<sup>29</sup> corresponde ao acto sexual obtido por meio de violência, coação irresistível, chantagem, ou como resultado de alguma condição debilitante ou

---

<sup>24</sup> Citado por: . KUPSTAS, Marcia. *Comportamento sexual em debate*. São Paulo: Moderna, (Colecção Polêmica. Série Debate na Escola). 1997

<sup>25</sup> UNICEF, Relatório Oficial, *Abuso sexual na educação e os factores negativos no processo de socialização* / 1986.

<sup>26</sup> MAFFEI DA SILVA, Maritza, *Mulher, identidade fragmentada*. In: E. Romero (org), Corpo; Mulher e Sociedade. S. Paulo: Papyrus,(1995).

<sup>27</sup> MAFFEI DA SILVA, Maritza (1995), *Mulher, identidade fragmentada*. In: E. Romero (org), Corpo; Mulher e Sociedade. S. Paulo: Papyrus.

<sup>28</sup> AZEVEDO, Manuel e GUERRA, Nunes. *Abuso Sexual dos Menores*. Lisboa, Texto Editora, 2000. (p.23-58)

<sup>29</sup> AZEVEDO, Manuel e GUERRA, Nunes. *Abuso Sexual dos Menores*. Lisboa, Texto Editora, 2000. (p.23-58)

---

que prejudique razoavelmente a consciência e o discernimento, tal como o estado de sono, de excessiva sonolência ou torpeza, ou o uso de bebidas alcoólicas e/ou de outras drogas, anestesia, hipnose, etc. No caso de sexo com crianças pré-púberes ou com adolescentes abaixo da idade de consentimento (a qual varia conforme a legislação de cada país), o abuso sexual é legalmente presumido, independentemente se houve ou não violência real.

Num sentido mais amplo, embora de menor exactidão, o termo "abuso sexual de menores" pode designar, também, qualquer forma de exploração sexual de crianças e adolescentes, incluindo o incentivo à prostituição, a escravidão sexual, a migração forçada para fins sexuais, o turismo sexual, o rufianismo e a pornografia infantil.

**2.17. Educação:** (segundo *Émile Durkheim*), é um conjunto de acções, processos, influências, estruturas, que intervém no desenvolvimento Humano de indivíduos e grupos na sua relação activa e no meio natural e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais<sup>30</sup>. (p.54)

Para, **Lebâneo, Carlos** a **educação** é uma técnica social, que tem como finalidade controlar a natureza e a história do homem e a sociedade, desde uma perspectiva democrática. Define a educação como:

O processo de socialização dos indivíduos para uma sociedade harmoniosa, democrática porém controlada, planeada, mantida pelos próprios indivíduos que a compõe. A pesquisa é uma das técnicas sociais necessárias para que se conheçam as constelações históricas específicas. O planeamento é a intervenção racional, controlada nessas constelações para corrigir suas distorções e seus defeitos. O instrumento que por excelência põe em prática os planos desenvolvidos é a Educação. (**Lebâneo,C, 1999**)<sup>31</sup>. (89 )

---

<sup>30</sup> Citado por: **LEBÂNEO**, Carlos, José. *Didáctica Geral*. 5ª edição, São Paulo. 1999.

<sup>31</sup> **LEBÂNEO**, Carlos, José. *Didáctica Geral*. 5ª edição, São Paulo. 1999.

---

## CAPITULO – III

### 3.1.PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

**Descrição do estudo/amostra, para a realização da tese com o seguinte problema de**

**pesquisa:** *“Que constrangimentos de ordem social/cultural e educacional a rapariga enfrenta na escola, face ao abuso sexual nas escolas?”*

“O assédio e abuso sexual da rapariga pelos próprios professores e, em alguns casos, pelos pais e familiares, é preocupante no País. Segundo a Coordenadora Nacional do Comité da Mulher e Jovem na ONP, Maria Paula Vera Cruz, este fenómeno verifica-se em todo o país, embora não tenha avançado números, alegadamente porque ainda está a decorrer o levantamento dos casos nas respectivas escolas. “Mas na Escola Secundária da Manhiça, província do Maputo, existem 26 raparigas grávidas, algumas das quais engravidadas pelos professores”<sup>32</sup>, disse Maria Paula, indicando os distritos de Boane e Moamba como os que apresentam números assustadores de casos de gravidezes envolvendo professores”<sup>33</sup>.

Por outro lado, formulou-se as seguintes hipóteses<sup>34</sup>: Se os factores que originam o abuso sexual das raparigas nas escolas Moçambicanas influenciam negativamente no processo do ensino – aprendizagem, então poucas raparigas estarão nas escolas; *Se o elevado índice de abuso sexual das raparigas nas escolas estivesse controlado, então haveria maior número de raparigas a frequentar no ensino escolar; Se a existência do elevado grau de insuficiência económica por*

---

<sup>32</sup> Sexta, 20 Junho 2008 07:06 Escrito por Jornal Noticias

<sup>33</sup> NOTÍCIAS, Jornal. *O assédio e abuso sexual da rapariga pelos próprios professores e, em alguns casos, pelos pais e familiares, é preocupante no país*, Maputo, 24 de Abril, 2009,(p.2 -3).

<sup>34</sup>. A formulação das hipóteses foi segundo, LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, M. Andrade. *Fundamento de metodologia científica*. 4.edi.rev. e ampliada. – São Paulo: Atlas 2001.

---

*parte das famílias das raparigas, então maior probabilidade da prática do sexo; Se os professores nas escolas não influenciasses as raparigas a manter relação sexual, então menor probabilidade do abuso sexual.*

A Licencianda recorreu em algumas fontes bibliográficas, fonte de observação e a análise qualitativa. O tipo de pesquisa do referente projecto de pesquisa foi a Pesquisa Descritiva, no qual permitiu descobrir, com precisão possível, a frequência com que o fenómeno ocorre, sua relação e conexão com os outros, sua natureza e características.

Efectuou o estudo em 2 (duas) Escolas, da nossa capital moçambicana (Maputo), como sendo a unidade de ensino: **Escola Secundária Estrela Vermelha da Cidade de Maputo e Escola Secundária Josina Machel**; Como forma de verificar se existe a prática do abuso sexual das raparigas nas Escolas acima descritas.

Todavia, elaborou-se dois tipos de questionários do tipo não estruturado, sendo um dirigido aos professores e o segundo dirigido as raparigas da ESEV e da ESJM, contendo 7 e 9 questões (vide o anexo).

O público – alvo foi de 60 pessoas sendo, 30 raparigas e 30 professores, numa distribuição dos questionários na *Escola Secundária Estrela Vermelha e Escola Secundária Josina Machel*, onde, 15 para os professores e 15 para as raparigas em ambas escolas.

### **Análise do tema referente ao questionário dirigido as raparigas da E.S.J.M., Segundo a autora**

De acordo com as respostas colhidas por parte dos questionários dirigidos as raparigas, na questão do conhecimento dos tipos de abusos sexuais as raparigas mostraram-se com insuficiência de conhecimento em relação aos tipos de abuso sexual.

---

“Na óptica de que formas são praticados os abusos sexuais, a maioria responderam que a atracção para prática do abuso sexual são os valores monetários que os professores tem exigido as alunas para o mesmo. Na ausência dos referidos valores monetários os professores em troca influenciam na prática do sexo”<sup>35</sup>.

Um outro factor, centra-se também na exigência de bens materiais como: celular, que consta a questão relacionada com câmara, entre outros bens do desejo do próprio professor.

Na parte que afirmam que já sofreram assédio sexual por parte do professor, afirmaram a maioria que sim, já sofreram assédio sexual por insuficiência de notas para passagem de classe. Uma outra vertente prende-se com ameaças “em que se não aceitar dormir comigo, não irá passar de classe enquanto eu leccionar nesta escola”<sup>36</sup>.

Um outro factor ainda, tem a ver com a falta de uma deontologia profissional pedagógica em que o professor não deve em nenhuma circunstância subornar ou meter-se com uma estudante por qualquer motivo que não seja de educar e na promoção e preservação das culturas, tendo sempre presentes os 4 pilares da educação<sup>37</sup> “*aprender a ser; aprender a fazer; conhecer e viver juntos em colectividades*”.

“Na base do conhecimento por parte das raparigas, que são aliciadas para a prática do abuso sexual, a maioria responderam que é devido aos valores monetários e também de troca “favores” para passagem de classe”<sup>38</sup>.

Outras, ainda, alegaram nas suas respostas que sentem-se assediadas por dificuldades financeiras para pagar a escola e automaticamente para questão relacionada com o vestuário e ajuda para própria família.

---

<sup>35</sup> Entrevistas feita aos alunos inqueridos, Escola Secundaria Josina Machel e Escola Secundaria Estrela Vermelha, 8:00hrs ás 16hrs, Setembro de 2009.

<sup>36</sup> Entrevistas feita aos alunos inqueridos, Escola Secundaria Josina Machel e Escola Secundaria Estrela Vermelha, 8:00hrs ás 16hrs, Setembro de 2009.

<sup>37</sup> DELORS, Jacques, ‘*Educacao: Um tesouro a Descobrir*’, 1.ed., p. 89-102, 1999

<sup>38</sup> Entrevistas feita aos alunos inqueridos, Escola Secundaria Josina Machel e Escola Secundaria Estrela Vermelha, 8:00hrs ás 16hrs, Setembro de 2009 (por motivos sigilosos a Licencianda não indica aqui os nomes).

---

Um outro factor ainda, as próprias raparigas entregam-se facilmente aos professores as vezes para caprichos e não somente para notas, por quererem relacionar-se com o próprio professor para o mesmo pagar lanches, viagens, e outros caprichos.

Mas, em questionamento e a recolha de informação relacionada em atribuição de uma nota baixa influencia na pratica do abuso sexual a maioria das raparigas afirmaram que os professores na escola usam e planeiam uma tática na atribuição de notas baixas como forma das raparigas aproximarem-se dos professores das suas disciplinas para pedir o acréscimo de uma nota que permite uma passagem ou transição de classe. Isto para os professores segundo as alunas representa um meio e instrumento para obter o desejo do próprio professor no que concerne a obtenção dos valores monetários e a troca por sexo<sup>39</sup>.

Quanto aos encarregados de educação, relativamente a orientação sexual, a maioria afirmou que os pais não abordam as questões relacionadas com a orientação sexual, isto, por falta de tempo e coragem para o mesmo. Fundamentaram ainda a questão da globalização em que os meios de comunicação e inovações tecnológicas não fundamentam questões relacionadas com problemas em descrição e que a escola como fonte de promoção da educação e cultura para que o indivíduo possa servir a sociedade não é, ou não constitui fonte actualmente para fazer face a resolução ou debates, palestras, seminários sobre a orientação sexual para melhor desenvolvimento das raparigas.

Contudo, na opinião de resolução e combate do abuso sexual das raparigas nas escolas, a maioria afirmou que as escolas e os pais ou encarregados de educação devem ser modelos alternativos para a redução ou resolução dos problemas relacionados com abuso sexual das raparigas. Afirmaram ainda que deve-se criar um gabinete e uma Lei que rege a preservação e penalização dos professores que abusam ou assediam sexualmente as raparigas nas escolas. Ou ainda criar um núcleo em cada escola, uma caixa de reclamação e sugestão onde as raparigas

---

<sup>39</sup> Entrevistas feita aos alunos inqueridos, Escola Secundaria Josina Machel e Escola Secundaria Estrela Vermelha, 8:00hrs ás 16hrs, Setembro de 2009 (por motivos sigilosos a Licencianda não indica aqui os nomes).

---

poderão informar a direcção por via de uma carta ou e-mail, contacto telefónico, como forma para resolução dos problemas.

### **3.2. Análise do tema referente ao questionário dirigido aos professores**

No âmbito das informações quanto a análise qualitativa feita em torno do trabalho, relacionado com a frequência dos professores na leccionação, verificamos que a maioria lecciona entre 2-6 anos estas escolas (E.S.J.M. e E.S.E.V.), e que a maioria lecciona a disciplina de Português, Biologia, e restantes Matemática<sup>40</sup>.

Quanto as disciplinas leccionadas pelos professores responderam alguns que tem falado em alguns casos em torno do abuso sexual das raparigas no âmbito escolar e nos outros casos afirmaram os restantes professores que apenas o fazem algumas vezes.

E na perspectiva dos próprios professores quanto ao debate em torno do abuso sexual das raparigas, descreveram que as raparigas não têm um total conhecimento em torno das causas, riscos do abuso sexual. Outros argumentaram a existência de alguns professores que se envolveram-se com algumas alunas para satisfação do desejo sexual em troca de passagem de classe<sup>41</sup>.

Todavia, alguns professores do recinto da E.S.J.M. afirmaram que existem vários factores em que os professores são influenciados a prática do abuso sexual porque as raparigas aparecem com traje não adequado, como por exemplo: saias curtas, apertadas, transparentes, decotes exagerados, isto segundo os professores, condiciona motivação extrínseca com intuito da pratica do acto.

---

<sup>40</sup> Entrevistas feita aos alunos inqueridos, Escola Secundaria Josina Machel e Escola Secundaria Estrela Vermelha, 8:00hrs ás 16hrs, Setembro de 2009 (por motivos sigilosos a Licencianda não indica aqui os nomes).

<sup>41</sup> Entrevistas feita aos alunos inqueridos, Escola Secundaria Josina Machel e Escola Secundaria Estrela Vermelha, 8:00hrs ás 16hrs, Setembro de 2009 (por motivos sigilosos a Licencianda não indica aqui os nomes).

---

Na sugestão da maioria dos professores no contexto da redução do abuso sexual das raparigas, afirmaram que os pais e encarregados de educação devem abordar assuntos ligados a educação sexual como forma de despertar as raparigas em torno do mesmo. Afirmaram ainda que o papel da educação cívica e moral no processo de ensino deve ser um instrumento fundamental concernente em informação de prevenções e riscos e causas do mesmo. A sociedade civil segundo eles e a comunidade devem fazer parte de apelação dos jovens em torno da educação sexual.

Nos argumentos finais dos questionários, afirmaram que a introdução de uma disciplina como abordagem da sexualidade e sua prevenção poderá ajudar futuramente em certos tabus em que são abordados actualmente sobre abuso sexual das raparigas. O mesmo manual poderá servir ainda na orientação, planificação das raparigas em torno do mesmo. A Organização Nacional dos Professores em Moçambique (ONP) segundo os professores deve ter um papel fundamental na mobilização, capacitação e formação dos professores em vários escalões no âmbito escolar como forma de fazer face a mediação e transmissão de bons valores. Descreveram ainda que os órgãos de informação, devem mobilizar na sua transmissão de informações para que possam produzir valores éticos e morais em torno do abuso sexual das raparigas. Deve-se ainda, formar grupos ou núcleos nas escolas para promoção de palestras, debates e seminários em torno do abuso sexual das raparigas nas escolas.

Argumentaram ainda que a elaboração de um regulamento interno ou Lei, que possa punir quem for a praticar o abuso sexual nas escolas.

Neste trabalho efectuado de acordo com as metodologias descritas na pagina anterior, constatou-se que o assédio sexual é amplamente conhecido mas não debatido nas escolas e é objecto de rumores pelos/as jovens (de todas as idades) e é reconhecido como um acto visando estabelecer uma troca de favores sexuais em troca do aproveitamento escolar das alunas. A pesquisa foi profícua no relato de raparigas que foram assediadas pelos professores e que resistiram: são histórias muito dolorosas, cheias de sofrimento, vividas em silêncio. Porquê em silêncio? Em primeiro lugar, porque existe um sentimento de impunidade pública face aos agressores e, em segundo lugar, porque existe um medo, que não se circunscreve apenas ao facto de poderem

---

---

reprovar, o que para muitas delas significa (considerando a idade e as condições materiais em que vivem) terem que deixar de estudar, mas significa também e principalmente serem socialmente estigmatizadas. Mesmo nos casos em que há predisposição para a denúncia, existe um grande desencorajamento social, seja por falta de solidariedade familiar, seja porque o corporativismo dos professores em aliança com as direcções das escolas e leva ao encobrimento e à desvalorização do assédio.

No que se refere às representações sobre as raparigas que assediam ou são assediadas e se conformam, a maioria das jovens associa o assédio à moda e à utilização de roupas socialmente condenáveis na escola (não na rua ou discoteca), segundo um modelo de normatividade produzido e partilhado em cada espaço. O seu incumprimento surge como não reconhecimento de si enquanto parte do grupo (Kaufmann, 2005)<sup>42</sup>. É isto que, em muitos discursos, justifica e autoriza o assédio sexual.

A acusação e a responsabilização das meninas pelo assédio de que são vítimas, mostram bem como, na incorporação do modelo cultural na construção do feminismo, as mulheres são cúmplices e agentes da sua submissão: a noção de decência relativamente ao vestuário é uma forma de dominação, isto é, as raparigas “descontroladas” que usam saias curtas expõem-se a uma violência que é social e culturalmente legítima. Significa que o “descontrolo feminino” justifica e despenaliza o assédio, fazendo da vítima agente do seu próprio sofrimento (Maffei da Silva, 1995). A violação dos direitos humanos presente nestes discursos é pautada pela desigualdade de género, isto é, a culpa, o medo e a não denúncia, associando-se ao apelo à bondade, à tolerância e ao bom senso das raparigas, organizam de forma eficaz a violência exercida contra as mulheres. O facto de não se identificarem professores que tenham sido exemplarmente punidos e o discurso da ambiguidade por parte das direcções das escolas e do sector da educação, reforçam e comunicam uma concepção de que o assédio sexual cometido no contexto escolar é resultado de um conjunto de factores em que as responsabilidades da assediada e do assediador são igualmente repartidas. Isto é, ao não definir o assédio sexual como uma expressão do poder masculino e de violência sexual, sejam quais forem as circunstâncias e

---

<sup>42</sup> KAUFMANN, J.C. (2005), *Corps de Femmes, Regards d'Hommes*. Paris: Nathan.

---

mesmo nos casos em que as raparigas assediam os professores, a educação escolar está a contribuir com toda a legitimidade que possui, para a naturalização da violência sexual.

## CAPÍTULO – IV

### 2.1.Fundamentação teórica

*Segundo, KUPSTAS*<sup>43</sup>, *Abuso sexual* – é um acto através do qual um adulto obriga ou persuade um(a) menor a realizar uma actividade sexual que não é adequada para a sua idade e que viola os princípios sociais atribuídos aos papéis familiares.

Segundo, **Conceição Osório, (2005)**<sup>44</sup>, o conceito de abuso sexual sobre as mulheres, particularmente as adolescentes e jovens, tem sido utilizado na pesquisa e na Lei de forma muita ambígua e fluida. Os estudos sobre o abuso sexual procuram identificá-lo tanto com o exercício de formas não especificadas de violência sobre o corpo feminino, como com violação sexual. Esta concepção ao mesmo tempo muito restrita e vaga e que reflecte algum desconforto na abordagem do tema, está presente também nas representações sociais e no conhecimento científico sobre assédio, insulto sexista e prostituição feminina. A mesma situação se encontra na legislação em que o abuso nem sequer existe como figura.

Segundo **AZEVEDO e GUERRA (2000)**<sup>45</sup> os agressores sexuais de crianças e adolescentes que sofrem distúrbios psiquiátricos são uma minoria. São pessoas aparentemente "normais", com laços estreitos com a vítima. Pode ser uma pessoa da família, como pai, padrasto, avô, primos,

---

<sup>43</sup> KUPSTAS, Marcia. *Comportamento sexual em debate*. São Paulo: Moderna, (Coleção Polêmica. Série Debate na Escola). 1997

<sup>44</sup> OSÓRIO, Conceição, *Os Efeitos do Abuso Sexual sobre as Mulheres*, Brasil, 2005. (p.35-98)

<sup>45</sup> AZEVEDO, Manuel e GUERRA, Nunes. *Abuso Sexual dos Menores*. Lisboa, Texto Editora, 2000. (p.23-58);

---

tios, alguém conhecido e supostamente de confiança, como vizinhos, amigos dos pais, ou mesmo alguém com estatuto de confiança social (educadores, padres, pastores, etc.)

Segundo **Maria Paula Vera Cruz (M.P.V)**<sup>46</sup>, O assédio e abuso sexual da rapariga pelos próprios professores e, em alguns casos, pelos pais e familiares, é preocupante no país. Segundo a coordenadora nacional do Comité da Mulher e Jovem na ONP, , este fenómeno verifica-se em todo o país, embora não tenha avançado números, alegadamente porque ainda está a decorrer o levantamento dos casos nas respectivas escolas. “Mas só na visita que efectuámos à Escola Secundária da Manhica, província do Maputo, encontramos 26 raparigas grávidas, algumas das quais engravidadas pelos professores”, disse Maria Paula, indicando os distritos de Boane e Moamba como os que apresentam números assustadores de casos de gravidezes envolvendo professores.

Afirmou ainda, que o Comité da Mulher e Jovem está a trabalhar na sensibilização dos professores para que possam de alguma maneira evitar o seu envolvimento com as alunas. Os estudos recentes sobre o abuso sexual da rapariga indicam que os professores se encontram em segundo lugar nesta prática, sendo os colegas e amigos os primeiros e os pais e outros parentes os terceiros.

Segundo, **M.P.V. Cruz**<sup>47</sup>, “Para colmatar a situação, estamos a fazer trabalhos em duas vertentes, uma que é preventiva, em que traz instrumentos jurídicos que punem os professores e todo aquele que abusa sexualmente a rapariga, e a outra que consiste na educação das próprias raparigas, a partir das escolas, sobre a legislação para a sua própria defesa”.

---

<sup>46</sup> NOTÍCIAS, Jornal. O assédio e abuso sexual da rapariga pelos próprios professores e, em alguns casos, pelos pais e familiares, é preocupante no país, Maputo, 24 de Abril, 2009,(p.2 -

<sup>47</sup> NOTÍCIAS, Jornal. *O assédio e abuso sexual da rapariga pelos próprios professores e, em alguns casos, pelos pais e familiares, é preocupante no país*, Maputo, 24 de Abril, 2009,(p.2 -3).

---

Segundo Graça<sup>48</sup>, a educação sexual constitui um dos temas transversais propostos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN/MEC). É um assunto polémico, que envolve questões de foro íntimo, mas a escola tem o dever de orientar os alunos e esclarecer suas dúvidas a esse respeito. HIV/SIDA, métodos contraceptivos, Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) e a descoberta do próprio corpo e da sexualidade são questões a serem abordadas em sala de aula.

Por outro lado, A sexualidade humana é definida segundo **WALLON, Henri**<sup>49</sup> como um conjunto de representações vivenciais, valores, regras, determinações, simbologias pessoais, existenciais e colectivas que envolvem a questão da identidade pessoal do homem e da mulher.

Mas na minha óptica na sociedade primitiva ela era representada como forma de procriação. Mas na sociedade actual ela saiu do contexto do quarto do casal e é discutida na praça, na mídia escrita e falada, no discurso político, mas não se criou uma ética. À frente de tudo isto está a ditadura comportamental da mídia, o novelismo é que dita as regras e compõe a sociedade moderna. Ao contrário do que pensam os adultos, crianças são seres humanos e, como tais sexuados. Dependem de nossa postura e acção para iniciarem o sexo com naturalidade e maturidade. Conhecendo melhor o desenvolvimento da sexualidade infantil constatou-se que os comportamentos sexualmente tipificados são aprendidos desde tenra idade e, por isso mesmo, a escola desempenha um importante papel quando, através das informações correctas, garante e protege o desenvolvimento natural da sexualidade.

Todavia, o indivíduo é resultado de sua formação, de seu tempo, de sua família, de suas experiências, crenças, religiões, dos seus conceitos, dos livros que leu, dos filmes que assistiu. Portanto é um ser essencialmente subjectivo, por esse motivo é pertinente que a escola desenvolva um trabalho de orientação sexual que possibilite a criança o entendimento das transformações que vão ou estão ocorrendo em seu corpo, de uma forma natural e sem tabus.

A organização Nacional dos Professores (ONP) é membro técnico da estratégia de combate ao abuso sexual, e foi activa nesta campanha, porque constatou-se que o professor era visto como

---

<sup>48</sup> SOARES, Graça. Educação sexual na escola. Revista da UDESC. Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina. V 20 n.1; p 61-9; abr./93.

<sup>49</sup> WALLON, Henri. Psicologia e educação infantil. Lisboa: Estampa, 1981.

---

---

um dos principais actores do problema. De acordo com Maria Paula Cruz, representante da ONP, o abuso das alunas é protagonizado por um número reduzido de professores.

“Apelamos para que fique claro que não são todos professores que cometem esse acto. Devemos aproveitar a força da maioria dos professores para uma união nesta causa de combate a este mal. Estamos a conseguir isso através desta sensibilização, onde abordamos o Código de Conduta do Professor, aprovado em 2008, e que no seu artigo nº 5 fala do abuso e do assédio ”, salientou.

Para casos em que se prove o abuso sexual, o Ministério da Educação prevê a transferência do professor para uma outra instituição de ensino. Entretanto, a ONP manifestou o seu desagrado por essa sanção, e ao invés da transferência propõe a expulsão do professor.

“Primeiro, o infractor deve ser expulso da escola, para não continuar com o acto noutra local de ensino. Segundo, o código penal prevê uma pena de prisão, caso a rapariga fique grávida” Por sua vez, Maria Supinho, representante do Gabinete de Atendimento a Mulher e Criança Vítima de Violência, referiu que nos últimos dois anos aumentou o número de denúncias dos casos de abuso contra a rapariga. Acrescentou que será garantida a protecção da vítima e do denunciante, sublinhando que o polícia que for corrompido também será punido.

De 2006 a 2009 realizou-se, em todo o país, a Campanha Contra o Abuso Sexual da Rapariga na Educação (*Tolerância Zero para abuso contra a rapariga*), levada a cabo pela ActionAid Moçambique, em parceria com o Governo e várias organizações da sociedade civil.

A avaliação feita a partir dessa advocacia é positiva, pois houve promoção do protagonismo no seio das raparigas, e um aumento do número de denúncias sobre casos de abuso sexual na escola. O abuso sexual de raparigas nas escolas constitui uma realidade na sociedade moçambicana, onde o professor é apontado como protagonista.

A campanha contra esse acto veio sensibilizar a própria rapariga e a comunidade em geral, para a necessidade de se denunciar essa prática, reiterando que o abuso sexual constitui um crime. O Director da ActionAid, Alberto Gomes Silva, referiu que os resultados são encorajadores, tendo em conta que as pessoas já têm consciência da dimensão do problema.

---

“Houve maior participação do Governo e da própria rapariga neste processo, e aumentou o número de raparigas que regressaram à escola ”, disse. Por seu turno, Nacima Figia, coordenadora da Mulher e Criança, reiterou que ao fim de três anos houve avanços satisfatórios, salientando que actualmente o Governo aposta na tolerância zero para o abusador, no seio da educação.

Acrescentou que deve-se incentivar a rapariga a dizer não à prática sexual, até atingir a maior idade. Outro passo dado foi a aprovação da Lei da Violência Doméstica Contra a Mulher, pois passou a existir um instrumento legal específico para a defesa dos direitos da mulher.

Contudo, a coordenadora salienta que a lei, por si só, não vai mudar o cenário, que é importante haver maior coordenação entre o Governo, através dos Ministérios da Mulher, Saúde, Educação, Justiça e organizações da sociedade civil<sup>50</sup>.

O Decreto nº 39/03 do Ministério da Educação (MEC) estipula que quando a rapariga fica grávida na escola deve ser transferida para o curso nocturno, como forma de não incentivar as outras a iniciar uma actividade sexual. No entanto, essa transferência provocou o aumento exponencial da desistência da rapariga na escola. Na visão de Nacima Figia, o despacho ministerial não corresponde às expectativas de protecção e valorização dos direitos da rapariga.

“O decreto deve ter um carácter preventivo, que promova um ambiente seguro na escola, e ao mesmo tempo punitivo, para o funcionário da Educação. O Decreto não é compatível com o estatuto do professor ou formação do indivíduo. Por isso, dialogámos com o MEC no sentido de se operar uma alteração. Ficou assumida a responsabilidade de rever o documento até ao primeiro semestre de 2010,” explicou a coordenadora<sup>51</sup>.

A **Educação Sexual**, de acordo com Marcia<sup>52</sup>, pode ser tanto informal quanto formal. A informal, surge no seio da família e tende a reproduzir nos jovens, conforme o órgão carioca, os padrões de moralidade, numa dada sociedade. Além disso, a vinculação de informações citadas

---

<sup>50</sup> Escrito por Isaura MaueleleQuinta, 26 Novembro 2009 11:06, Escrito por Jornal Noticias.

<sup>51</sup> Escrito por Isaura MaueleleQuinta, 26 Novembro 2009 11:06, Escrito por Jornal Noticias.

<sup>52</sup> KUPSTAS, Marcia. *Comportamento sexual em debate. São Paulo: Moderna*, 1997. (Coleção Polêmica. Série Debate na Escola).

---

---

pelos meios de comunicação de massa (jornais, revistas, TV, rádio, etc) também podem ser consideradas partes integrantes de uma educação informal sobre sexualidade. A Educação Sexual considerada formal, por outro lado, "ganha o espaço institucional das escolas e centros comunitários, sob a forma de acções, programas e projectos deliberados. Esta abordagem também pode reafirmar conceitos ou, numa segunda visão, promover a difusão de informações relativas à sexualidade, acompanhadas de questionamentos e discussão sobre a sexualidade", explica o órgão governamental.

Estes conceitos vão se subdividindo e tornando-se ainda mais complexos na explicação da Márcia<sup>53</sup>, eles distinguem, por exemplo, dois novos conceitos de educação sexual, segundo outros autores: o primeiro se denomina intelectual e preocupa-se com conceitos e clarezas de definições. O outro é mais combativo e procura recrutar para as lutas mundiais de transformação dos padrões de relacionamento sexual.

No entanto, O programa de Educação Ambiental e Saúde da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro considera a **educação sexual** como "o conjunto de teorias ou práticas, formais ou informais, que abordam, numa perspectiva educativa, aspectos da sexualidade humana com crianças e adolescentes". Para a secretária carioca, o objectivo de um trabalho de educação sexual é "permitir que crianças e adolescentes entendam a sexualidade como aspecto positivo e natural da vida humana, propiciando-se a livre discussão de normas e padrões de comportamento em relação ao sexo e o debate das atitudes pessoais frente a própria sexualidade".

A sexualidade vem sendo considerada um importante objecto de estudo consolidando-se, nos últimos tempos, como subsídio, também, da acção pedagógica. Por isso, faz-se necessário explicitar o que se entende por sexualidade, assim como distintas concepções que se colocam como pressuposto teórico para a *educação sexual*.

---

<sup>53</sup> KUPSTAS, Marcia. Comportamento sexual em debate. São Paulo: Moderna, 1997. (Coleção Polêmica. Série Debate na Escola).

## CAPITULO – V

### 5.1. AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO SEXUAL DOS JOVENS

Com o início do ano lectivo nas escolas do ensino primário e médio ressurgiu o debate sobre o papel da escola na construção da educação sexual de adolescentes e jovens (Vilar,1987, p.165)<sup>54</sup>. Para o professor Pires (Escola Secundária Josina Machel) a escola influencia em muito o comportamento sexual dos jovens e, exactamente por isso, é importante que ela seja um espaço de conversas e aprendizagem sobre temas como a gravidez, o sida e doenças sexualmente transmissíveis (DTS), assuntos que normalmente não são discutidos pelas famílias. Quando conversei com adolescentes sobre com quem e onde obtiveram informações sobre temas ligados à sexualidade, à DTS e HIV, os principais lugares citados, além da escola, são a televisão rádio e amigos. Análise como a escola tem lidado com a educação sexual dos jovens. Por outro lado a escola actua no sentido de que suas alunas não engravidem, uma vez que, hoje em dia, esse período da vida não é socialmente considerado adequado para a maternidade. Ao invés disso, a adolescente deveria investir nos estudos. É nesse contexto que, tendo engravidado, a escola deveria buscar condições para que ela não abandone, mas que dê continuidade aos seus estudos. Actua também como agente “normalizador” em relação à diversidade sexual. (Rodrigues,1999, p.12)<sup>55</sup>

---

<sup>54</sup> VILAR, D. .Aprendizagem e educação sexual. Vol II. Lisboa, Texto Editora,1987. p.165

<sup>55</sup> RODRIGUES, Afonso, Paulo. Impacto das DTS e HIV nos jovens na educação . Lisboa, Estampe, 1999, p.12.

## 5. 2. Tipos e formas do abuso sexual

Existem duas formas de abuso sexual que os adultos podem praticar contra as crianças e os adolescentes: *com contacto físico* ou *sem contacto físico*. Nos dois casos, o adulto abusa do jovem para conseguir algum tipo de prazer ou satisfação interior.

### a) Com contacto físico

- Violência sexual: forçar relações sexuais, usando violência física ou fazendo ameaças verbais.
- Exploração sexual de menores: pedir ou obrigar a criança ou o jovem a participar de atos sexuais em troca de dinheiro ou outra forma de pagamento.

### b) Sem contacto físico

- Assédio: falar sobre sexo de forma exageradamente vulgar.
- Exibicionismo (acto obsceno): mostrar as partes sexuais com intenção erótica.
- Constrangimento: ficar de longe observando jovens ou crianças sem roupa ou ficar olhando de maneira intimidatória.
- Pornografia infantil: tirar fotos ou filmar poses pornográficas ou de sexo explícito.

## 5.3. Consequências

As consequências de uma violência sexual praticada contra crianças e adolescentes podem ser físicas, psicológicas ou de comportamento, todas igualmente prejudiciais para quem sofre a violência.

## 5.4. Físicas

- Dor constante na vagina ou no ânus.
  - Corrimento vaginal.
-

- 
- Inflamações e hemorragias.
  - Gravidez precoce, colocando em risco a vida da criança ou adolescente.
  - Doenças sexualmente transmissíveis, como HIV/SIDA, hepatite B, etc.

### **5.5. Psicológicas**

- Sentimento de culpa
- Sentimento de isolamento de ser diferente.
- Sentimento de estar "marcado" para o resto da vida.
- Depressão.
- Falta de amor próprio (baixa auto-estima).
- Medo indefinido permanente.
- Tentativa de suicídio.
- Medo de sair na rua.

### **5.6. Comportamento**

- Dificuldade de expressar o sentimento de raiva.
- Queda no rendimento escolar
- Atitudes autodestrutivas: uso excessivo de álcool, de drogas, etc.
- Aumento do grau de provocação erótica.
- Tendência ao abuso das relações sexuais.
- Regressão da linguagem e do comportamento.
- Agressividade contra a família.

Quanto maior é o tempo em que o jovem fica calado, maiores são as consequências negativas.

## **CAPITULO – VI**

### **6. 1. Caracterização do perfil das vítimas de abuso sexual**

As variáveis em apreço na descrição do perfil da vítima incluem a idade, a escolaridade e a caracterização dos familiares e o local onde a vítima reside. Considera-se que a inserção familiar da criança é um factor crucial na reacção da criança perante uma situação de abuso. Alguns autores referem que crianças oriundas de ambientes familiares instáveis são propensas a serem vítimas de abuso.

### **6.2. Formas, contornos em que se manifesta o Abuso sexual**

Um outro aspecto importante nesta `` tese`` diz respeito às formas e ao conteúdo do abuso, tendo-se em consideração, também, o local e as medidas tomadas na perspectiva do abusado, bem como a reincidência do mesmo. Considerou-se como aspectos de relevo o abuso sexual envolvendo uma relação sexual, o contacto físico sem relação sexual e a forma verbal. Esta análise permitiu identificar também a percepção do abusado sobre o significado do abuso.

Todavia, este facto parece sugerir que as formas verbais do abuso são aceites tacitamente, o que se pode considerar o princípio de transição para outras formas de abuso que envolvam o contacto físico e a relação sexual. Possivelmente, a consciencialização social sobre a necessidade de reconhecer as formas verbais do abuso é um dos primeiros passos para o combate ao abuso sexual.

---

### 6.3. Descrição de alguns casos não deontológicos no docente escolar como abusador (com os respectivos exemplos)

#### 6.4. Professor Engravidou Cinco Alunas

Até aqui o caso mais dramático de abuso sexual da rapariga pelos professores deu-se na Escola Primária Centro Educacional, na sede do distrito de Marracuene, província do Maputo, onde um docente engravidou cinco raparigas da mesma escola com o agravante de serem suas alunas.

“Esta situação que chocou a sociedade foi trazida à superfície pela comunicação social no ano de 2007. Domingos Matusse, secretário da ONP (Organização Nacional de Professores), no distrito de Marracuene, garantiu ao nosso Jornal que o processo-crime deste professor está em curso. “Quem meteu a queixa no tribunal contra o professor foram os familiares das raparigas, porque a direcção da escola onde o acusado leccionava não tinha conhecimento do sucedido”, disse Matusse, salientando que a ONP está confiante de que o caso terá desfecho satisfatório, que é uma punição exemplar”<sup>56</sup>.

A primeira medida tomada pelo sector da Educação em Marracuene foi a transferência do professor da escola onde leccionava para a direcção distrital da Educação, acção que visa evitar que o mesmo continue a manter contacto com as alunas.

Segundo o secretário distrital da ONP<sup>57</sup>, o professor foi também despromovido de categoria e consequentemente o seu salário baixou. O docente em causa tem nível básico de escolaridade.

Sobre o que está a acontecer com as raparigas, que na altura em que engravidaram tinham idades compreendidas entre 15 e 16 anos, há dois anos, Domingos Matusse garantiu que elas estão a receber apoios de algumas instituições de caridade. “Algumas delas foram integradas nas escolas

---

<sup>56</sup> NOTÍCIAS, Jornal. O assédio e abuso sexual da rapariga pelos próprios professores e, em alguns casos, pelos pais e familiares, é preocupante no país, Maputo, 24 de Abril, 2009,(p.2 -3).

<sup>57</sup> NOTÍCIAS, Jornal. O assédio e abuso sexual da rapariga pelos próprios professores e, em alguns casos, pelos pais e familiares, é preocupante no país, Maputo, 24 de Abril, 2009,(p.2 -3).

---

técnicas, apoio providenciado pelas irmãs da Igreja Católica”, disse indicando que o importante é que elas foram reinseridas na sociedade.

Quanto às cinco crianças, ficámos a saber do nosso interlocutor que já estão a receber assistência do pai. “A questão da assistência está garantida, porque enquanto decorre o processo-crime contra o docente decidiu-se que ele deve alimentar as crianças”, disse Domingos Matusse, que repudia o comportamento do seu colega.

Por seu turno, a professora Ana Souto, que lecciona no Instituto de Formação de Professores Eduardo Mondlane, em Inhamissa, na cidade de Xai-Xai, também membro do secretariado provincial da ONP, lamentou o facto de o professor ter tendência para perder os valores morais que sempre o caracterizaram na qualidade de segundo pai dos estudantes.

“Em termos de assédio e abuso sexual, posso dizer que à semelhança do que acontece nas outras províncias do país também em Gaza acontece, o que se deve ao facto de as próprias crianças serem mais abertas e os professores interpretarem mal esse facto”.

No seu entender, seria bom que o professor aproveitasse essa abertura para bons ensinamentos, que seria o lado mais positivo da coisa. Lamentou que na escola onde lecciona existam casos de meninas que engravidaram dos seus professores, embora estes tenham-se comprometido a contrair matrimónio com as mesmas.

“Como segundo pai dos estudantes, nenhum professor está autorizado a namorar com a sua aluna. Mas por falta da observância das leis isso acontece”, disse Ana Souto para quem só o facto de o docente engravidar uma aluna significa comprometer o futuro dela.

### **6.5. Na Província de Maputo**

“Uma rapariga de 15 anos namorava com um enfermeiro, e este uma vez, depois de a embebedar, levou-a à sala de aulas de uma determinada escola, onde a violou. A violação teve consequências físicas, ela teve hemorragias. Durante a violação eles foram vistos e o caso

---

chegou até aos pais. Estes encaminharam o caso a polícia, tendo sido resolvido apenas com o pagamento da multa e a responsabilização do abusador pelo tratamento hospitalar<sup>58</sup>.

De um modo geral, a escola não tem conhecimento sobre os casos de abuso (85%). Nos poucos casos que a escola teve conhecimento, o abuso envolvia um aluno da escola. Os casos de abuso que envolvam professores são, na sua maioria, resolvidos por estes directamente com os familiares da vítima, quando há gravidez. O professor negocia com os pais, prometendo a estes pagamento de multa ou casamento com a vítima, de modo que estes não levem o caso a outras instâncias<sup>59</sup>.

### 6.6. Na Província Sofala

“Uma rapariga de 16 anos que vivia com uma das professoras nos arredores da escola foi abusada sexualmente por um dos professores da escola e a professora com quem vivia depois de ter conhecimento informou os pais da rapariga. Estes exigiram uma multa de 8.000.000,00 MT (antiga família) ao professor e o caso nem chegou à polícia. A escola também teve conhecimento mas nenhuma acção foi movida contra o professor.

O papel passivo da escola nem sempre significa o não conhecimento de casos de abuso envolvendo professores, mas sim, uma atitude cúmplice entre os professores. E estes casos ocorrem na sua maioria em escolas onde o director é do sexo masculino. Embora existam, em algumas escolas, professoras com o papel de educadoras sociais, o desempenho destas é praticamente nulo nos aspectos de advocacia da problemática do abuso sexual no seio escola,

---

<sup>58</sup> BAGNOL, BRIGITTE, (1997). *“Diagnóstico do Abuso Sexual e Exploração Comercial Sexual de Crianças em Maputo e Nampula”*. Embaixada do Reino dos Países Baixos, Maputo,

Moçambique

<sup>59</sup> BAGNOL, BRIGITTE, (1997). *“Diagnóstico do Abuso Sexual e Exploração Comercial Sexual de Crianças em Maputo e Nampula”*. Embaixada do Reino dos Países Baixos, Maputo,

Moçambique.

---

---

isto porque elas não se sentem protegidas pela direcção da escola quando denunciam casos de abuso e esses casos não chegam a ser resolvidos”<sup>60</sup>.

### **AS CARACTERÍSTICAS E O PERFIL SOCIAL DO ABUSADOR NA PERSPECTIVA DOS DIFERENTES ACTORES SOCIAIS**

As características e o perfil social do abusador na perspectiva dos diferentes actores sociais, incluindo dados relativos à idade, profissão, estado psíquico no momento do abuso, existência ou não de parentesco com a vítima, corroboram os apresentados pelas vítimas: de um modo geral, a idade do abusador varia entre os 21 e 30 anos, 45%, na sua maioria são professores, no momento do abuso estão no seu estado normal, 80,4% e 66% são conhecidos das vítimas mas, não familiares.

O facto do abusador estar no estado normal ilustra a carácter premeditado do abuso, e deste estar consciente da tolerância social e judicial ao abuso. Embora 45% dos actores sociais considerem que o abuso sexual é crime e, conseqüentemente, este deve envolver autoridades, na prática o processo de resolução destes casos envolve um tipo de medidas que são pouco eficazes na dissuasão. Como foi referido atrás, as medidas mais frequentes para este crime incluem negociações entre a família da abusada e o abusador, e as autoridades são envolvidas só em casos de existência de dificuldades na negociação, por exemplo, quando o acusado não se disponibiliza a pagar a multa<sup>61</sup>.

---

<sup>60</sup> BAGNOL, BRIGITTE, (1997). “Diagnóstico do Abuso Sexual e Exploração Comercial Sexual de Crianças em Maputo e Nampula. Embaixada do Reino dos Países Baixos, Maputo, Moçambique.

<sup>61</sup> BAGNOL, BRIGITTE, (1997). “Diagnóstico do Abuso Sexual e Exploração Comercial Sexual de Crianças em Maputo e Nampula. Embaixada do Reino dos Países Baixos, Maputo, Moçambique.

---

**Alguns exemplos de medidas tomadas pelos diferentes actores sociais:**

**a) Autoridades locais**

Convoca-se o abusador, fala-se com ele e com a família da abusada, até chegarem a um consenso. Se o homem for solteiro, obriga-se este a casar-se com a rapariga. Se o homem for casado, este deve pagar a multa estipulada pelos familiares directos da rapariga vítima.

**b) Professores**

Normalmente, convoca-se os pais da rapariga para junto deles saber-se se têm conhecimento do estado da rapariga, nos casos em que a mesma se encontre grávida.

Quando o abusador é estudante da escola, os pais às vezes preferem que ambos (a rapariga e o rapaz) sejam retirados da escola, mas as normas existentes aconselham que se passe a rapariga para o curso nocturno e é o que os professores têm recomendado aos pais.

**c) Encarregados de educação**

Tentam resolver o problema com a vítima, depois contactam o abusador e nos casos em que o abusador é colega da escola, contactam a escola para junto da escola resolverem o caso. Algumas vezes as raparigas passam para o curso nocturno e outras deixam de estudar por não conseguirem conciliar a vida de estudante com o seu estado de gravidez ou de mãe.

**d) Polícia**

Prendem o acusado de abusador, abre-se um processo e manda-se à Procuradoria, mandam pagar uma multa e o tratamento da vítima. Nos casos em que o abusador é familiar da vítima retira-se o acusado de perto da vítima ou retira-se a vítima para um lugar distante.

O tipo de medidas tomadas reflecte uma certa ambivalência entre a norma costumeira e o quadro jurídico-legal oficial. O tipo de medidas parece sugerir que o carácter jurídico-legal deste tipo de crime não entra na equação para resolução deste tipo de casos por grande parte dos actores sociais.

---

## **CAPITULO - VII**

### **7.1. A NECESSIDADE DE ORIENTAÇÃO DE EDUCAÇÃO SEXUAL DOS JOVENS**

#### **Orientação e Educação Sexual como forma de não serem influenciados na pratica do abuso sexual**

A necessidade urgente de educação e orientação sexual de nossa sociedade estudantil da continuamente em nosso meio simplesmente analisando o facto de surgir problemas de gestações indesejadas e particularmente o abuso sexual em Jovens adolescentes da 11<sup>a</sup> a 12<sup>a</sup> classes.

Todavia, prática do sexo, a prevenção das doenças e de uma gravidez inesperada todos acham que sabem mas quando questionados dão respostas erradas ou fogem do assunto como se falar de sexo não fosse necessário, funcionam e não saber relacioná-las às nossas vivências e às nossas novas experiências do dia a dia.

#### **7.2. O HIV/SIDA como justificativa para a Orientação Sexual para os Jovens**

Com o advento do HIV/SIDA ficou mais do que evidente a necessidade de investimentos em prevenção, visto ser esta a única forma disponível para conter a epidemia. A Orientação Sexual Poderá ganhar uma força como política pública de saúde a partir desta realidade, sendo necessário, portanto, entender sua extensão e impacto na disseminação deste tema nos currículos escolares e nas conversas em família, além da sua constante presença nos mídias.

Paralelamente, as informações decorridas nos mídias indicam que a gestação indesejada na adolescência vem aumentando consideravelmente, o que desencadeia um maior número de abortos e amplia a problemática entre as adolescentes de baixa renda. Além disso, a alta incidência das DSTs nesta faixa etária indica a prática sexual desprotegida, ou seja, sem uso de preservativo.

---

"Analisando todos estes factores, pode-se perceber que os adolescentes têm se mostrado despreparados para elaborar assuntos referentes à sexualidade, criando barreiras para a promoção da sua saúde sexual, tornando-se mais propensos à sérios problemas", considera Cláudia<sup>62</sup> que já trabalhou em diversos programas de Orientação Sexual e de Prevenção sobre a epidemia do HIV/SIDA. Em sua tese, ela indica que "a falta de diálogo familiar, a crescente oferta de drogas (lícitas e ilícitas), a sensação de invulnerabilidade, a susceptibilidade às pressões grupais, e a transgressão são alguns aspectos determinantes da vulnerabilidade individual, institucional e social dessa população".

Como solução, Cláudia, levanta que, baseado em todos estes dados, a escola é o melhor espaço para realizar trabalhos preventivos para esta faixa etária. Ela lembra, em sua tese, o que afirma o Ministério da Educação: "Devido ao tempo de permanência dos jovens nas escolas e às oportunidades de trocas, convívio social e relacionamentos amorosos, a escola não pode se omitir frente à relevância dessas questões, constituindo-se em local privilegiado para a abordagem da prevenção às doenças sexualmente transmissíveis / HIV/SIDA.

Cláudia<sup>63</sup> lembra ainda que também a Organização Mundial de Saúde (1989) considera que a escola é um dos principais centros para a educação no sector de saúde. "Ao criar esse espaço de socialização do saber, estaria contribuindo para a promoção e divulgação de medidas preventivas ao combate as doenças de transmissão sexual.

### **7.3. Importância da escola no processo de produção de socialização e educação**

Todo o ser humano quando nasce, nasce dentro de um ambiente cultural particular, envolvendo uma multiplicidade de relacionamentos sociais (quer institucionais, quer interpessoais). Isto

---

<sup>62</sup> RIBEIRO, Cláudia. A fala da criança sobre sexualidade: o dito, o explícito e o oculto. Lavras, MG:Universidade Federal de Lavras; Campinas:Mercado das Letras, 1996. (Coleção Dimensões da Sexualidade).

<sup>63</sup> RIBEIRO, Cláudia. A fala da criança sobre sexualidade: o dito, o explícito e o oculto. Lavras, MG:Universidade Federal de Lavras; Campinas:Mercado das Letras, 1996. (Coleção Dimensões da Sexualidade).

---

---

significa não só que uma criança necessita de aprender como se “encaixar” nos arranjos culturais existentes, como significa que os agentes de socialização possuem já um conjunto de ideias (uma "ideologia") sobre como educar e relacionar-se com uma criança ou jovem, considerando as várias expectativas morais e normativas dos grupos sociais e da sociedade a que pertencem. Os pais, professores e outros educadores têm uma visão do mundo socialmente construída, que lhes diz algo sobre o tipo de comportamento que as pessoas da sua cultura esperam dos rapazes e das raparigas. O seu propósito tende a ser, conseqüentemente, educar as crianças e os jovens de acordo com as expectativas normativas associadas a comportamentos apropriados de género, ou seja, sobre o que é considerado normal ou anormal no comportamento dos homens e das mulheres.

A escola é uma das instituições sociais mais importantes da sociedade. Tal como qualquer outra instituição social, a sua organização e funcionamento corresponde a um conjunto de valores e regras estabelecidas pela cultura, e dessa forma não está imune às várias dimensões de socialização e educação.

Ao analisarmos alguns dos principais agentes de socialização que influenciam a criança do nascimento até a idade adulta<sup>64</sup>. Mas a par destes surge-nos também a escola. Isto porque, o indivíduo não só por si dar resposta às distintas necessidades em qualquer nível de organização humana, e muito menos o pode fazer em sociedades já com um certo nível de desenvolvimento. Neste sentido as instituições oferecem esquemas, normas e modelos de comportamentos, processos sociais, papéis, para que o indivíduo possa responder aos problemas e satisfazer as suas necessidades básicas com maior facilidade e segurança.

As instituições têm uma origem funcional, surgem para satisfazer determinadas necessidades, com uma estrutura que unifica e dá coesão a todos os participantes, membros de um determinado grupo, a quem impõem modelos de comportamento que garantem a sua unidade e identidade. Podemos defini-las, portanto, como maneiras de agir, de pensar e de sentir já instituídas na vida em sociedade e que os indivíduos encontram ante si e se lhes impõem com maior ou menor rigor.

---

<sup>64</sup> Recorde-se que o processo de socialização não termina quando chega ao estado adulto. Mesmo então o homem continua inserido numa sociedade da qual depende e onde permanentemente realiza novas aprendizagens.

---

Ou, dito de outro modo, são como padrão de controle, uma programação da conduta individual imposta pela sociedade<sup>65</sup>.

**7.4. As funções da escola coincidem em boa parte com as funções da educação e poderíamos resumi-las do seguinte modo:**

- 1- Proporcionar conhecimentos e desenvolver capacidades que permitem aos indivíduos adquirir as competências básicas necessárias à sua vida de adultos e à sua integração numa sociedade em mudança;
- 2- Transmitir a cultura, modelos de comportamento e normas sociais de convivência à novas gerações para que estas integrem e se integrem na sociedade. Neste contexto, a prática educativa, na sua acepção mais ampla e através das suas mais diversas manifestações, é um instrumento privilegiado de socialização. Com efeito, a escola de certo modo antecipa à criança a maneira como ela será (ou deverá ser) tratada na sociedade e, portanto, será seu objectivo fazer com que a criança aceite as regras do jogo social, se evolva nele e aceite os seus feitos<sup>66</sup>.
- 3- Prepara o indivíduo para que seja um cidadão independente, crítico, criativo, responsável e participativo, disposto a exercer os seus direitos e deveres como membro de uma sociedade democrática e pluralista e capaz de assumir atitudes favoráveis à educação permanente e à formação contínua;
- 4- Conferir estatuto social através de um processo de diferenciação, selecção e hierarquização, construído com base numa avaliação das capacidades expressas e das competências adquiridas e desenvolvidas pelo aluno e objectivada numa certificação escolar, isto é, na atribuição de um diploma.

---

<sup>65</sup> Em cada sociedade há, por exemplo, maneiras “próprias” de comer, namorar ou casar que caracterizam o grupo social e que se impõem como padrões de pensamento, relação e emoção – manifesta ou contida todos os seus membros.

<sup>66</sup> Neste sentido, a escola é uma instituição que visa a transmissão do sistema de valores dominantes numa determinada sociedade e que constituiu o “cimento” decisivo da manutenção da ordem social.

---

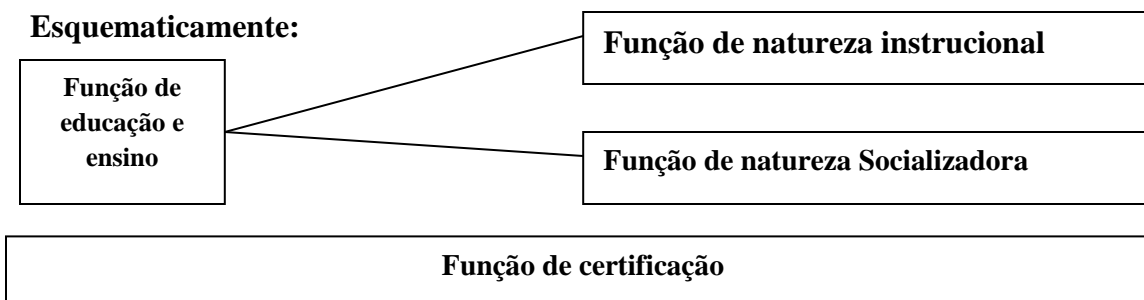
No entanto, a escola tem pois, fundamentalmente dois tipos de funções de educação e ensino e uma função de certificação. No primeiro incluímos:

- a) **As funções de natureza instrucional** — que se associam à aquisição e desenvolvimento de competências básicas no uso instrumentos de aprendizagem formal (saber ler e escrever, dominar as operações matemáticas elementares, isto é, apropriar-se dos fundamentos para continuar a aprender<sup>67</sup>) e de conhecimentos teóricos e práticos sobre os diversos campos da vida social e em particular da ciência e da técnica;
- b) **As funções socializadoras** — que se associam quer a transmissão ( e interiorização) dos valores e padrões de comportamento que permitem ao indivíduo viver em determinada sociedade, quer ainda à aquisição e desenvolvimento de competências de participação cívica e de intervenção social criativa e responsável<sup>68</sup>.

Mas o segundo tipo de funções da educação escolar – **as funções de certificação** – associam-se, como atrás referimos, às operações de avaliação, selecção e hierarquização, isto é, de diferenciação, que a escola concretiza relativamente aos que a frequentam.

Todavia, a atribuição de um diploma é, portanto, a forma mais utilizada para objectivar a certificação escolar, embora outras tenham existido, como por exemplo, “o quadro de honra” no tempo colonial ou outras distinções de “mérito socialista” criadas após a independência.

Esquemáticamente:



<sup>67</sup> De acordo com a noção inglesa de learning skills, que poderíamos traduzir por **competências de aprendizagem**, isto é, a escola deverá ser um espaço onde “aprender a aprender” é para os que a frequentam um objectivo essencial.

<sup>68</sup> Referimo-nos aqui às **competências cívicas**, tradução livre skills, que envolvem a base de um conhecimento

Mas, para além de ensinar e educar, a escola desempenha na sociedade actual – e em particular nas sociedades mais desenvolvidas e urbanizadas – ainda outras funções mais ou menos marginais do ponto de vista académico e que respondem a novas necessidades derivadas da organização económica, produtiva e familiar. Com o aumento da actividade profissional da mulher, e quando o pai e a mãe tendem ambos a trabalhar fora de casa, há tendência para um alongamento do tempo de escolarização - aumentando a duração da escolaridade obrigatória – e para o alongamento dos horários de permanência das crianças na escola, surgindo esta como uma instituição de “guarda”, acompanhamento e enquadramento do período de infância e de juventude.

### **7.5. As principais características de uma Instituição Escolar**

**As principais características são:**

1. **Objectividade:** a escola é anterior ao educando, isto é, o mesmo dirige-se a ela e a partir do momento em que a família e a comunidade já não têm mais condições de prepará-lo para integrar-se à sociedade; a escola subsiste à transformação dos educandos; a escola apresenta uma continuidade formal que persiste com base em um sistema de posições definidas ocupadas por uma sucessão de indivíduos; a escola possui sua representação grupal, na qual os educandos são membros do grupo, e em seu seio, como membros de subgrupos; os educandos são unidos psicologicamente de modo a formar o espírito grupal;
2. **Conteúdo intencional:** a escola existe em virtude de uma idéia ou interesse, reúne as vontades e disposições individuais, direcionado-as para uma acção no meio em que está inserida.

**7.6. Os componentes da escola são agrupados nas seguintes categorias:**

- a) Elementos biológicos: representados pelos professores, alunos e funcionários;
- b) Elementos psicológicos: representados pelas interações de personalidades entre as pessoas da escola;
- c) Elementos físicos e institucionais: distribuição espacial, organização funcional, posição numa constelação de outras escolas.

## CAPÍTULO – VII

### 4.1. Conclusões

A escola, como estrutura e como espaço relacional, assume um papel muito importante na (re) construção de diferentes identidades. É indispensável realçar que a escola não é o único agente de socialização. A escola representa uma das instituições, através das quais a sociedade está organizada. A família, os meios de comunicação social, a política, a religião, entre outras, desempenham igualmente um papel fulcral.

Mas, do estudo efectuado nas escolas (Secundaria Josina Machel e Estrela vermelha), ambas da Cidade de Maputo, constatou-se que a maioria das raparigas sofrem o assédio sexual por parte dos professores, isto por falta de notas para passarem de classe e outro factor centra-se por falta de recursos financeiros, onde elas se sentem obrigadas a envolver-se com os próprios professores como forma de auto sustento (para obtenção ou compra de roupas), observou-se ainda que as raparigas também influenciam a prática do assédio sexual por parte de alguns actores escolares através da forma de vestir inadequada (saias curtas, decotes, roupas transparentes).

Por outro lado de acordo com as pesquisas efectuadas observou-se ainda que, destaca-se a Campanha Nacional Contra o Abuso Sexual da Rapariga na Educação, que teve o lançamento no dia 19 de Agosto de 2009, através de eventos de carácter público em diversos pontos do país com objectivo de consolidar a rede de organizações que trabalham em prol da causa da Rapariga; Colocar o problema do abuso sexual na agenda pública; Aplicar a legislação existente (leis e regulamentos); e Reforçar a legislação existente em matéria do abuso sexual. O abuso sexual não é apenas uma violação da integridade física e emocional da rapariga, mas também um obstáculo para o alcance do terceiro Objectivo de Desenvolvimento do Milénio, que preconiza a eliminação das disparidades de género e empoderamento da Mulher, visto que o abuso sexual ou a ameaça de abuso sexual contribui para desencorajar a continuação dos estudos pela rapariga. Moçambique comprometeu-se a alcançar os Objectivos de Desenvolvimento do

---

Milénio. Este compromisso encontra-se reflectido na sua estratégia de redução da pobreza, Plano de Acção para a Redução da Pobreza Absoluta (PARPA II)<sup>69</sup>, bem como nas políticas e planos da educação e estratégia nacional sobre género.

A importância da implementação da campanha observou-se que deriva da necessidade de inverter a situação do nosso país em função das evidências constantes em diversos estudos realizados sob a temática de abuso sexual da rapariga. Muitas vezes, a compreensão do problema é metade da solução.

Todavia, é evidente que são necessários melhores dados quantitativos e análises qualitativas mais aprofundadas para se obter uma imagem mais completa da natureza e gravidade do problema, pois a carência de estatísticas dificulta o estabelecimento de passos a seguir após a implementação de diversas iniciativas e esforços desenvolvidos em prol da equidade no acesso a educação.

Contudo, a agressão sexual de menores por parte dos professores é uma das mais graves violações dos direitos humanos e cria problemas para o desenvolvimento e na vida futura das vítimas. Estes actos devem ser criminalizados e são mais graves quando o agressor é alguém, como o professor, que tem responsabilidades em relação aos seus educandos. A escola não pode continuar a ser um lugar perigoso para as meninas.

---

<sup>69</sup> PARPA, *Plano de Acção para a Redução da Pobreza Absoluta. II (2006 -2009)*, Maputo, 2006

#### 4.2. Recomendações

Recomenda-se que as entidades competentes, interagem na aplicação de acções coercivas nos praticantes do referido acto em torno do abuso sexual nas escolas;

Recomenda-se ainda, como foi proposto nas páginas anteriores, aplicação de uma deontologia que possa colmatar acções não deontológicas da profissão;

O Ministério da Educação em Moçambique, deve elaborar planos que possam ser profissionalizantes e que permitam uma boa educação e socialização por parte da juventude;

O envolvimento das famílias neste processo também é fundamental na monitoria e avaliação periódica no processo de educação e socialização.

Mas, a promoção de seminários e palestras nas escolas poderão ser um factor extremamente importante em demonstrar os perigos que correm as raparigas ao aceitarem o assédio pelos professores.

**Proibir todas as formas de violência contra as raparigas**, incluindo castigos corporais, ofensas verbais, assédio, violência física, abuso emocional, bem como violência e exploração sexual.

**Tornar a escola segura para as raparigas**, através de planos nacionais de acção para combater a violência nas escolas. Estes planos devem incluir orientações para as escolas, formação obrigatória para professores e alunos, bem como a designação, pelo governo, de um funcionário responsável e um adequado financiamento público.

**Dar resposta a incidentes de violência contra as raparigas**, através de mecanismos de denúncia, confidentiais e independentes investigações eficazes, processos penais, quando apropriado, e pelo fornecimento de serviços de apoio a vítimas e sobreviventes. Assegurar que todos os incidentes de violência contra as raparigas sejam reportados e registados, e que quem seja condenado por violação, assédio sexual ou outras ofensas criminais contra as crianças, não seja empregue em escolas.

---

**Providenciar serviços de apoio a raparigas que foram alvo de violência**, incluindo aconselhamento; tratamento médico; informação sobre HIV/SIDA, medicamentos e serviços de apoio; informação sobre direitos sexuais e reprodutivos; e apoio à reintegração das raparigas no sistema escolar que são portadoras de HIV, estão grávidas, são casadas ou mães.

**Proteger as raparigas de abusos** através do desenvolvimento e aplicação de códigos de conduta para todos os funcionários escolares e estudantes. Treinar o pessoal escolar através de intervenções precoces para combater o assédio e a violência contra as raparigas na escola.

**Proposta de sanções (para os actores) em torno do abuso sexual das raparigas nas**

As sanções podem ser:

- 1 – Âmbito disciplinar: processo disciplinar que culminará com o despedimento;
- 2 – Âmbito criminal: processo – crime e reparação dos danos causados.

Os atributos desta profissão, consistira numa transformação em requisitos para todas as actividades profissionais que tenham como objectivo constituírem-se numa profissão, tendo para o efeito que possuir:

- Um *saber especializado*, aliado a práticas específicas que o profissional necessita de dominar, adquiridas através de uma formação profissional estruturada;
- Uma *orientação de serviço*. O profissional afirma-se perante outros que exerce a sua actividade por motivos altruísticos, não se pautando por interesses particulares.
- Um *código deontológico* que determina e regula o conjunto de deveres, obrigações, práticas e responsabilidades que surgem no exercício da profissão.
- Uma *associação profissional*, cujo objectivo seria, entre outros, o de manter e velar pela ocupação dos padrões estabelecidos entre os seus membros.

---

CAPITULO — IX

4.3. Referências bibliográficas

4.4. PNUD, Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano. (2001)

4.5. MISAU (2001), Plano Estratégico do Sector de Saúde (PESS) 2001-2005-(2010)

4.6. BAGNOL, BRIGITTE, (1997). “Diagnóstico do Abuso Sexual e Exploração Comercial Sexual de Crianças em Maputo e Nampula. Embaixada do Reino dos Países Baixos, Maputo, Moçambique.

4.7. ALVES, Nídia Meneses. “Formação para o Desenvolvimento” cadernos de noroeste, volume 61 – 2:231 – 236, 1993.

4.8. GOVERNO de Moçambique. Programa do Governo 2005 – 2009, Maputo (2005).

4.9. WALLON, Henri. Psicologia e educação infantil. Lisboa: Estampa, 1981.

4.10. SOARES, Graça. Educação sexual na escola. Revista da UDESC. Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina.V 20 n.1; p 61-9; abr./93.

4.11. RIBEIRO, Cláudia. A fala da criança sobre sexualidade: o dito, o explícito e o oculto. Lavras, MG:Universidade Federal de Lavras; Campinas: Mercado das Letras, (Colecção Dimensões da Sexualidade). 1996.

4.12. KUPSTAS, Marcia. Comportamento sexual em debate. São Paulo: Moderna, (Colecção Polêmica. Série Debate na Escola). 1997

4.13. <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001298/129801por.pdf>

- 
- 4.14. ALVES, J.M. Organização, gestão e projecto educativo das escolas. Porto: Edições ASA, 1995.
- 4.15. UNICEF, Relatório Oficial, Abuso sexual na educação e os factores negativos no processo de socialização / 1986.
- 4.16. LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, M. Andrade. Fundamento de metodologia científica. 4.edi.rev. e ampliada. – São Paulo: Atlas 2001.
- 4.17. LEBÂNEO, Carlos, José. Didáctica Geral. 5ª edição, São Paulo. 1999.
- 4.18. DELORS, Jacques, “Educação: Um tesouro a Descobrir”, 1.ed., p. 89-102, 1999
- 4.19. VILAR, D. Aprendizagem e educação sexual. Vol II. Lisboa, Texto Editora, 1987. p.165
- 4.20. RODRIGUES, Afonso, Paulo. Impacto das DTS e HIV nos jovens na educação . Lisboa, Estampe, 1999, p.12.
- 4.21. AZEVEDO, Manuel e GUERRA, Nunes. Abuso Sexual dos Menores. Lisboa, Texto Editora, 2000. (p.23-58);
- 4.22. OSÓRIO, Conceição, Os Efeitos do Abuso Sexual sobre as Mulheres, Brasil, 2005. (p.35-98)
- 4.23. NOTÍCIAS, Jornal. O assédio e abuso sexual da rapariga pelos próprios professores e, em alguns casos, pelos pais e familiares, é preocupante no país, Maputo, 24 de Abril, 2009,(p.2 -3).
- 4.24. PARPA, Plano de Acção para a Redução da Pobreza Absoluta. II (2006 -2009), Maputo, 2006,
- 4.25. MAFFEI DA SILVA, Maritza, Mulher, identidade fragmentada. In: E. Romero (org), Corpo; Mulher e Sociedade. S. Paulo: Papirus,(1995).
- 4.26. KAUFMANN, J.C. (2005), Corps de Femmes, Regards d’Hommes. Paris: Nathan.
-

---

**4.27. Anexos.....IV**

---

**Elaborado por: Mirza Pricila Dique Bié**

**Maputo, 2010**

---

**4.8. Anexos**

**ANEXOS**

---

**Elaborado por: Mirza Pricila Dique Bié**

**Maputo, 2010**

---